JORGE AMADO SOB O OLHAR DE L. S. VIGOTSKI NUM ENCONTRO ENTRE LITERATURA E PSICOLOGIA

Daniel Silva Campos (UFMT) – danielsvcampos@gmail.com
Jane Teresinha Domingues Cotrin (UFMT) – janecotrin@gmail.com
GT 5: Educação e Psicologia

Resumo:
Este trabalho foi elaborado a partir da relação histórica, permeada de afetos, entre o pesquisador, um estudante de psicologia interessado por Literatura e o objeto de pesquisa. Desse modo, a pesquisa tem como objetivo analisar personagens da obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado (1937), sob a ótica da Teoria Histórico cultural (VIGOTSKI, 2010), promovendo a interdisciplinaridade entre Literatura e Psicologia. Como metodologia adotou-se a realização de discussões em grupo a partir da leitura do romance, sobre o qual foi produzido um fichamento focalizado nos personagens selecionados para a análise neste trabalho: *Pedro Bala* e *Sem-Pernas*. A análise ocorreu através da articulação dos trechos destacados com a teoria. Obtém-se que *Pedro Bala*, menino louro, branco e forte, através de suas vivências, desenvolve-se como um herói, que luta e protege os seus. Contudo, *Sem-Pernas* é marginalizado e, por vezes, reduzido à sua deficiência, revelando como os sentimentos de abandono e discriminação são cruéis com as crianças, determinando sua maneira de ser e estar no mundo. Portanto, à luz da Teoria Histórico-Cultural, pôde-se encontrar, no romance analisado, pontos de discussão social e cientificamente relevantes, como racismo, desigualdade social, abandono de crianças e adolescentes e o papel das emoções no desenvolvimento humano.
Palavras-chave: Teoria Histórico-Cultural. Capitães da Areia. Emoções. Vivências.

1 Introdução

Uma pesquisa surge a partir da relação histórica entre o pesquisador e o objeto de pesquisa. Isso implica que há, por parte do pesquisador, uma forma particular de enxergar o objeto e de querer estudá-lo. Ou seja, a escolha de um objeto de pesquisa não é neutra, pois é pautada por afetos, tendencias e particularidades. Ciente desta condição, introduzo a descrição desta pesquisa contextualizando minha relação com o objeto, a obra Capitães da Areia, de Jorge Amado, que será discutida sob a ótica da Teoria Histórico-Cultural de L.S.Vigotski.

Considero-me um leitor interessado pelos clássicos. O interesse pela leitura foi construído, inicialmente, por meio de constante apoio familiar - meus pais sempre incentivaram fortemente meus hábitos de leitura, desde os gibis na infância até os grandes clássicos na fase adulta. A escola também desempenhou papel fundamental, nesse processo, pois foi nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura que tive meus primeiros

contatos com clássicos da literatura brasileira. Estes contatos me permitiram a descoberta, aos poucos, do imenso valor histórico, social, cultural e psicológico das obras de autores como Machado de Assis, José de Alencar e, naturalmente, Jorge Amado.

Foi na escola, no 2º ano do Ensino Médio, que li Capitães da Areia pela primeira vez. Lembro-me de ter gostado do livro desde o princípio. A história dos meninos de rua era, sim, triste e angustiante, mas também permeada de aventuras, paixões, alegrias e, sobretudo, de vida. Aos 15 anos de idade, as aventuras e paixões foram os aspectos que mais me marcaram. Ao reler a obra em outras oportunidades, em outras idades, outros aspectos me chamaram a atenção. Como uma grande obra de arte, é capaz de produzir diferentes afetações em diferentes leitores. E eu mesmo não era o mesmo leitor a cada revisita ao texto de Jorge Amado. Neste ponto, percebo coerência em me propor a discutir esta obra literária sob a ótica da Teoria Histórico-Cultural, uma vez que a perspectiva de desenvolvimento de L. S. Vigotski se alinha às minhas vivências em relação ao livro Capitães da Areia.

Para Vigotski (2010), o desenvolvimento humano acontece de maneira dialética, constante e não linear através da relação do sujeito com seu meio. Desse modo, é possível compreender e explicar como a cultura e os diferentes fatores biológicos, sociais, emocionais e históricos atuam no desenvolvimento. Esta perspectiva possibilita encontrar sentidos e significados na obra, nas vivências dos personagens e no seu desenvolvimento.

Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é analisar personagens do romance "Capitães da Areia", de Jorge Amado, originalmente publicado em 1937, sob ótica da Teoria Histórico Cultural. Assim, espera-se promover a interdisciplinaridade, aproximando os campos da Psicologia e da Literatura e favorecendo novas possibilidades de reflexões sobre ambas. Além disso, entende-se que a análise de obras literárias é parte constitutiva da Psicologia Escolar e Educacional pois permite discutir e compreender o desenvolvimento humano e o processo de ensino-aprendizagem, elementos fundamentais para o cotidiano escolar.

Como metodologia, inicialmente realizamos a leitura de *Capitães da Areia* e encontros com outros leitores do texto para sua discussão. Nesse momento, o movimento de trocas de percepções e afetos que a obra despertava nos leitores foi enriquecedor e fundamental para a realização desta pesquisa, pois propiciou a ampliação do olhar sobre a obra e seus personagens, para que se pudessem fazer recortes a serem aprofundados na mesma. Estes recortes resultaram na decisão de selecionar dois personagens para serem

discutidos neste trabalho: *Pedro Bala* e *Sem-Pernas*. Então, foi produzido um fichamento de texto focando somente nestes dois personagens.

Num segundo momento, buscamos nos apropriar do referencial teórico e discutir este referencial em articulação com os recortes da obra nas vivências dos personagens selecionados. Neste processo, as análises foram produzidas em conjunto, de maneira dialética.

2 Referencial teórico

Este referencial foi organizado de modo a contextualizar a relação entre os campos da Psicologia e da Literatura, demonstrando possibilidades de aproximações. Então, será contextualizada a produção artística de Jorge Amado, explorando seu caráter inovador e social e discutindo seu significado para a cultura brasileira. Também, serão apresentados conceitos da Teoria Histórico-Cultural pertinentes para a discussão da obra e dos personagens selecionados.

2.1 Interface entre Psicologia e Literatura

Em seu artigo, Santos, Santos e Silva (2018) apresentam duas possibilidades de perspectivas entre Psicologia e Literatura: a Psicologia da Literatura e a Psicologia na Literatura. A primeira é oriunda de estudos literários e se refere ao estudo do autor como indivíduo e de leis gerais presentes nas obras literárias. Por sua vez, a segunda é decorrente de estudos psicológicos e permite discutir o processo de criação, a análise psicológica do texto e a relação entre público e leitor. Assim, compreende-se que se tratam de dois campos plurais com distintos pontos de aproximação.

Nesse sentido, a interdisciplinaridade se faz presente justamente no objeto pelo qual ambas as áreas se interessam: o ser humano. Desse modo, tanto Psicologia, quanto Literatura, abordam e discutem o desenvolvimento dos sujeitos através de conflitos, sejam reais ou ficcionais. Logo, uma obra, ao ter intenções realistas, apresenta seus personagens como indivíduos sociais (SANTOS, SANTOS e SILVA, 2018).

Além disso, Freire (2008) aponta outro aspecto pertinente a este trabalho sobre a interdisciplinaridade entre Psicologia e Literatura. O autor defende que a experiência de leitura de obras clássicas da literatura, marcadas pela ideia de alteridade, favorece o

desenvolvimento de sujeitos abertos ao outro, ao cuidado humano. Esta lógica pode se alinhar aos valores da Psicologia enquanto área do conhecimento e atuação profissional.

2.2 A literatura de Jorge Amado

Aproveitando o ensejo da interdisciplinaridade, é relevante considerar o trabalho de Seltzer (2002) que, de um ponto de vista antropológico e, também, interdisciplinar, discute o papel e a importância da obra de Jorge Amado para a construção de uma identidade brasileira. A autora descreve e discute aspectos da vida e obra do romancista e ressalta uma dicotomia: Amado é, ao mesmo tempo, produto e produtor da cultura. De maneira dialética, o escritor produziu suas obras de acordo com seu contexto de vida, dos lugares onde viveu, das pessoas que conheceu, contudo, ao produzir obras artísticas tão relevantes, Jorge Amado contribuiu para a elaboração de uma identidade nacional de um povo miscigenado, alegre e sensual.

A partir da contextualização da importância e do impacto da produção artística de Jorge Amado, é necessário buscar compreender melhor o contexto histórico da criação de sua obra. Amado (2021) caracteriza a literatura de Jorge Amado como inovadora. Isso se relaciona ao fato de que o romancista baiano buscou afastar seu texto do academicismo, tornando-o engajado social e politicamente e aproximando-o da realidade do povo. Na época, tais características propiciaram o surgimento, junto a outros autores, do movimento chamado Romance de 30.

O início dos anos 1930 foi marcado por conflitos políticos, sobretudo a Revolução de 30, que culminou na chegada de Getúlio Vargas ao poder e o fim da chamada República Velha. O espírito de efervescência revolucionária da época influenciou Jorge Amado, que, mesmo ainda muito jovem, possuía suas convicções políticas e literárias. Assim, teve início a obra de um jovem romancista baiano disposto a produzir literatura voltada para os problemas do país (AMADO, 2021).

A partir destas circunstâncias, a obra de Jorge Amado foi estereotipada como sendo fortemente marcada por suas convicções ideológicas. Contudo, Amado (2021) expõe que o escritor baiano não propunha revolução em seus romances, apenas dava lugar de destaque para uma parcela da população que, até então, era excluída do centro temático da produção literária brasileira. Ou seja, mesmo tendo suas convicções políticas, a obra de Jorge Amado é, acima de tudo, a busca pela expressão da voz do povo da Bahia e do Brasil.

Através desta busca, Amado, com êxito, revelou novas vozes e explorou novos componentes, linguagens e paisagens. Ao trazer o povo para o centro de suas histórias, o autor mostrou uma realidade brasileira (AMADO, 2021). Nas próprias palavras de Jorge Amado, seus romances contam histórias, emoções e lugares baianos, mas possuem amplo sentido universal e humano, tendo em vista seu caráter social (AMADO, 1937 *apud* AMADO, 2021).

O livro *Capitães da Areia* (1937), exemplifica com exatidão a vivacidade emocionante que caracteriza a prosa do autor ao mesmo tempo em que aborda temas sociais, denunciando problemas enfrentados pela sociedade. Desse modo, conforme Alves e Scapin (2014), o romance explicita o abandono familiar, afetivo e estatal de crianças e adolescentes que vivem na praia. Nas areias, são capitães, dominam o espaço, mas vivenciam e enfrentam a exclusão e a discriminação social fora delas.

2.3 Teoria Histórico-Cultural: emoções e vivências

Para Vigotski (2010), o desenvolvimento acontece na relação da criança com o meio, cabendo à vivência o papel de mediadora dessa relação. Desse modo, entende-se que vivência é uma unidade indivisível das particularidades da personalidade e da situação vivenciada. Além disso, considera-se que o meio é dinâmico e variável, constantemente norteando o desenvolvimento da criança e se modificando a partir dela.

Por conseguinte, entende-se que um mesmo meio pode proporcionar diferentes vivências a diferentes crianças, do mesmo modo que pode influenciar a mesma criança de maneiras diferentes, de acordo com seu estágio de desenvolvimento. Isto ocorre devido à relação dialética do meio com o desenvolvimento da criança. Portanto, a função da vivência, como mediadora, é interpretar os elementos do meio, determinando de que forma ela percebe e se relaciona afetivamente com os acontecimentos (VIGOTSKI, 2010).

Segundo Machado, Facci e Barroco (2011), Vigotski se interessou pelo estudo das emoções e criticou a forma como a psicologia vinha estuando o desenvolvimento humano, separando aspectos inseparáveis como as emoções e a cognição. Assim, Vigotski definiu a emoção como um processo biológico e social, que permite à criança transformar-se e desenvolver-se.

Consequentemente, o aspecto emocional humano deve ser considerado uma síntese de suas relações sociais, logo, as emoções são localizadas historicamente, e decorrentes

das condições materiais de produção. Desse modo, Vigotski corrobora sua concepção de ser humano como ser biologicamente constituído, mas afetado por condições sociais e culturais, ou seja, um ser histórico-social (MACHADO, FACCI, BARROCO, 2011).

Aprofundando-se nesta discussão, Toassa (2014) busca compreender a influência do pensamento de Espinosa na concepção vigotskiana de emoção. Segundo a autora, dialeticamente as ações e reações dos participantes de uma relação propiciam o desenvolvimento cultural. Em algum grau, as bases culturais são naturais, mas não restritas a explicações biológicas, pois são socialmente transformadas.

As emoções são um sistema psicológico particular, porém, são também, articuladas através de categorias, como a vivência. Cabe à palavra, o papel de mediação, estabelecendo uma dinâmica integrada. A partir desta dinâmica, pode-se compreender as emoções como funções psicológicas superiores que, através da linguagem, permitem um processo de desenvolvimento biológico-social da personalidade. Por meio da formação cultural, aspectos psíquicos hereditários, como instintos, são dialeticamente superados, ocasionando mudanças que constituem o processo do desenvolvimento (TOASSA, 2012).

Assim, é possível compreender de que maneira as emoções se transformam no decorrer do processo de desenvolvimento, assumindo função de regulação e orientação de pensamentos e ações. Portanto, Vigotski considera as emoções processos históricos e culturais do organismo humano que se transformam em funções da personalidade (TOASSA, 2014).

3 Discussão

O livro *Capitães da Areia* narra as histórias de meninos que vivem nas ruas de Salvador, na Bahia. Sobrevivem de delitos que praticam pela cidade e dormem num trapiche abandonado. A obra possui forte teor social pois denuncia a situação de abandono e desamparo que os meninos se encontram. Em sua narrativa, o autor constrói tramas e situações que evidenciam a exclusão social, a discriminação racial, a hipocrisia e as diversas formas de violência que assolam os membros do grupo.

Contudo, o tema do abandono não é explorado apenas de um ponto de vista sócio-político. Através do desenvolvimento das subtramas dos personagens, o romancista habilmente demonstra os efeitos psicológicos e emocionais que o desamparo produz nas crianças e adolescentes. Há quem sinta medo, quem sinta raiva, quem se revolte, quem busque conforto na fé, quem procure cuidar dos demais. Mas, apesar de suas

particularidades, os Capitães da Areia compartilham entre si a dor do abandono, sua reparação e superação.

Apesar do tema central, as crianças abandonadas, ser uma fonte de tristeza e sofrimento, a narrativa é, sobretudo, vivaz. Conforme são apresentados os personagens, o autor nos conduz por aventuras repletas de emoção, mostrando como, em seu cotidiano, os meninos encontram suas paixões, seus interesses e seus propósitos, através de conflitos decorrentes de sua situação de vida.

O líder dos capitães é Pedro Bala. O personagem é descrito como loiro, bonito, habilidoso, inteligente e justo. Sua liderança foi conquistada e mantida sempre de forma natural, como se fosse seu destino. Como protagonista da trama, Bala passa por conflitos e transformações que culminam no surgimento de um líder revolucionário. De certo modo, nota-se como os demais personagens e o mundo parecem sempre abertos e acessíveis a Pedro Bala, dando-lhe oportunidades de amadurecer e se tornar o herói da história.

Há também o personagem chamado Sem-Pernas, que é descrito como feio, manco, perverso e maldoso. Em sua relação com os companheiros e com o mundo, Sem-Pernas sempre se mostra agressivo, cheio de raiva e rancor. Mas, ao mesmo tempo, não parece receber nada diferente do mundo, apenas a discriminação por sua deficiência, seja explícita ou velada.

Assim, é possível compreender como os personagens lidam com a angústia do abandono de maneiras distintas, mas também têm experiências contrastantes no mundo. Para Bala, há o respeito e a confiança, para Sem-Pernas, há a crueldade da caridade hipócrita. Nesse sentido, os trechos referentes ao principal conflito psicológico de ambos serão mais detalhadamente analisados a seguir.

3.1 A responsabilidade de Pedro Bala

No capítulo *Docas*, Pedro Bala está conversando com o estivador João de Adão, com o qual mantém relação de amizade. Então, João, recordando-se do pai de Bala, faz uma revelação:

> – No dia que tu quiser tu tem um lugar aqui nas docas. A gente tem um lugar guardado pra tu.
> – Por quê? – perguntou Boa-Vida, já que Pedro apenas olhava espantado.
> – Porque o pai dele era Raimundo e morreu foi aqui mesmo lutando pela gente, pelo direito da gente. Era um homem e tanto. Valia dez destes que a gente encontra por ai.
> – Meu pai? - fez Pedro Bala, que daquelas histórias só conhecia vagas rumores.

> – Teu pai, era. A gente chamava ele de Loiro. Quando foi da greve fazia discurso pra gente, nem parecia um estivador. Foi pegado por uma bala. Mas tem um lugar pra tu nas docas.
> Pedro Bala riscava o asfalto com um graveto. Olhou João de Adão:
> – Por que tu nunca me contou isso?
> – Tu era pequeno para entender. Agora tu tá ficando um homem – e riu com satisfação (AMADO, 1937, P. 111).

A princípio, Pedro sente-se bem ao conhecer a história do pai, que fora um mártir da luta dos trabalhadores das docas. Ele chega a dizer que gostaria de organizar uma greve. Contudo, quando estava voltando sozinho ao trapiche, avistou uma menina negra que andava sozinha pelas ruas. No romance, esta menina não tem nome é chamada somente de negrinha. Pedro, sentindo a angústia em conhecer a história do pai, como se, ao conhecer seu passado, tivesse-lhe sido revelado seu futuro, sentiu também desejo pelo corpo da negrinha. Tomado pelo desejo e pelos pensamentos sobre as greves e a morte do pai, Bala estupra a menina.

Essa passagem possui um forte aspecto psicológico sobre o personagem. Isso se dá devido ao fato de que Pedro se depara com dois sentimentos novos. Primeiro, a angústia experenciada ao conhecer a história do pai. Então, ele busca o corpo da negrinha como uma fonte de alívio para sua angústia. Pela atitude de Bala, entende-se que, no passado, outras meninas que ele "derrubava no areal" não o rejeitavam. No entanto, a menina resiste e o rejeita física e emocionalmente. Com sua atitude, a negrinha responsabiliza Pedro Bala por seu crime, demonstrando que as atitudes de Pedro impactam as demais pessoas e que ele é responsável pelo bem ou pelo mal que causar. O capítulo termina com Bala sendo amaldiçoado por sua vítima e sendo obrigado a internalizar suas angústias, que são substituídas pela tristeza. Esse momento demarca um ponto de mudança para Pedro Bala, que começará seu caminho para se tornar um herói.

Assim, a construção de Bala como personagem heroico começa na sua aparência física. É um menino louro, de cabelos lisos e porte físico avantajado, o que denota a valorização estética de um tipo heteronormativo, europeu e branco. Sua aparência física o coloca num lugar de vantagem perante os outros meninos que moram no trapiche e que, na sua maioria, são negros. A descrição psicológica converge para o mesmo caminho. Pedro Bala é capaz de transformar a tristeza do abandono em cuidados, proteção e força.

Historicamente, tem um pai-herói. Um pai que morreu lutando. E, amadurecendo ao conhecer essa história, busca convergir seus ideais e suas ações para os propósitos de honrar a memória do pai, proteger os seus e lutar por um mundo mais justo. Não faz isso

livre da angústia que esse papel lhe solicita, mas, com esse sentimento, compreende sua responsabilidade e a importância de suas ações.

3.2 A decisão de Sem-Pernas

Sem-pernas, usualmente, aplica o seguinte golpe: valendo-se de sua deficiência, ele se infiltra em casas de famílias ricas, que se sentem moralmente obrigadas a acolher uma criança deficiente, para facilitar o posterior assalto dos Capitães à residência. Após os desfechos dessas aventuras, Sem-Pernas costuma rir raivosamente da família que foi enganada, sobretudo motivado pelo sentimento de rejeição implícita: ele é recebido nas casas, mas apenas por sua deficiência, sem jamais ser realmente aceito e acolhido.

O principal conflito de Sem-Pernas ocorre justamente em uma dessas invasões domiciliares. No momento de fazer o primeiro contato, ele inventa para a senhora da casa que seu nome é Augusto, por coincidência, o mesmo nome do falecido filho da senhora. Por este motivo, Dona Ester acolhe imediatamente o menino, e passa a trata-lo como um filho. Pela primeira vez na vida, Sem-Pernas se sente acolhido, conhece o que é ser cuidado e protegido, e isso causa forte impacto no personagem.

> Mas desta vez estava sendo diferente. Desta vez não o deixa na cozinha com seus molambos, não o puseram a dormir no quintal. Deram-lhe roupa, um quarto, comida na sala de jantar. Era como hóspede, era como um hóspede querido. E fumando o seu cigarro escondido o Sem-Pernas pergunta a si mesmo por que está se escondendo para fumar, o Sem-Pernas pensa sem compreender. Não compreende nada do que se passa. Sua cata está franzida. Lembra os dias da cadeia, a surra que lhe deram, os sonhos que nunca deixaram de persegui-lo. E, de súbito, tem medo de que nesta casa sejam bons para ele. Sim, um grande medo de que sejam bons para ele. Não sabe mesmo porque, mas tem medo. E levanta-se, sai do seu esconderijo e vai fumar bem por baixo da janela da senhora. Assim verão que é um menino perdido, que não merece um quarto, roupa nova, comida na sala de jantar. Assim o mandarão para a cozinha, ele poderá 1evar para diante sua obra de vingança, conservar o ódio no seu coração (AMADO, 1937, P. 162).

Neste trecho, fica evidente que o trauma da violência sofrida na delegacia, o menino fora torturado e humilhado por policiais, e os anos da vida nas ruas, acabam afastando emocionalmente Sem-Pernas da experiência com Dona Ester. A senhora dá ao menino o carinho e o cuidado que ele jamais conheceu, e ele teme aceitá-los pois isso o afastaria do único sentimento que, até então, deu sentido a sua existência: o ódio.

Entretanto, a falta de carinho, de cuidado e da figura materna são muito marcantes para Sem-Pernas. Ele encontrou no ódio uma forma de sobreviver, em sua relação com

Dona Ester, começa e experenciar novas sensações, novos sentimentos, que, de certo modo, suprem suas carências.

> O Sem-Pernas ficou parado, sem um gesto, sem responder sequer o boa noite, a mão no rosto, no lugar em que dona Ester o beijara. Não pensava, não via nada. Só a suave carícia do beijo, uma carícia como nunca tivera, uma carícia de mãe. Só a suave carícia no seu rosto. Era como se o mundo houvesse parado naquele momento do beijo e tudo houvesse mudado. Só havia no universo inteiro a sensação suave daquele beijo maternal na face do Sem-Pernas.
> Depois foi o horror dos sonhos da cadeia, o homem de colete que ria brutalmente, os soldados que surravam o Sem-Pernas, que corria com a perna aleijada em voltada saleta. Mas de repente chegou dona Ester e o homem de colete e os soldados morreram entre infinitas torturas, porque agora o Sem-Pernas estava vestido com uma roupa de marinheiro e tinha um chicote na mão como o mocinho do cinema (AMADO, 1937, P. 166).

Então, finalmente abrindo-se emocionalmente para a relação com Dona Ester, Sem-Pernas se depara com outro conflito: a traição aos companheiros. Enquanto está na casa de Dona Ester, ele pensa nos amigos que estão nas ruas, sozinhos, com fome, desamparados e se sente culpado por estar sendo acolhido na casa e, principalmente, por estar gostando disso.

> Teriam bastado três dias para ele localizar os objetos de valor da casa. Mas a comida, a roupa, o quarto, e mais que a comida, a roupa e o quarto, o carinho de dona Ester tinham feito que ele passasse já oito dias. Tinha sido comprado por este carinho como o estivador fora comprado por dinheiro. Não, não trairia. Mas aí pensou se não ia trair dona Ester. Ela confiara nele. Ela também na sua casa tinha uma lei como os Capitães da Areia: só castigava quando havia erro, pagava o bem com o bem. O Sem-Pernas ia trair essa lei, ia pagar o bem com o mal. Lembrou-se que das outras vezes, quando dava o fora de uma casa para ela ser assaltada, era uma grande alegria que o invadia. Desta vez não tinha alegria nenhuma. Seu ódio para todos não desaparecera, é verdade. Mas abrira uma exceção para a gente daquela casa, porque dona Ester o chamava de filho e o beijava na face. O Sem-Pernas luta consigo mesmo. Gostaria de continuar naquela vida. Mas que adiantaria isso para os Capitães da Areia? E ele era um deles, nunca poderia deixar de ser um deles porque uma vez os soldados o prenderam e o surraram enquanto um homem de colete ria brutalmente. E o Sem-Pernas se decidiu. Mas olhou com carinho as janelas do quarto de dona Ester e ela, que o espiava, notou que ele chorava (AMADO, 1937, P. 170).

Neste ponto, Sem-Pernas chora nos braços de Dona Ester, mas toma a sua decisão. Escolhe ficar com os companheiros, escolhe ficar com os Capitães da Areia. Não necessariamente porque prefira a vida como um menino de rua, mas porque ao ficar trairia também a si mesmo, ao seu ódio. Após o assalto, Sem-Pernas descobre que a família procura por ele como um filho desaparecido, e ele chora pela culpa, pelo arrependimento. Dessa forma, a própria decisão de Sem-Pernas causa nele um novo trauma, o afastando ainda mais do vinculo emocional com o mundo, exceto pelo ódio que o consome.

Sem-Pernas é a antítese de Pedro Bala. Na sua deficiência física, está em grande desvantagem em relação a todos os outros meninos do trapiche. A diferença física, que se traduz em desvantagem e imperfeição, o coloca em situações constantes de marginalização, sendo visto apenas através de sua deficiência, como seu apelido demonstra, e muitas vezes humilhado socialmente, sofrendo violência policial ou despertando pena nas famílias ricas. Embora demonstre o quanto protege e cuida do grupo, o que se sobressai no personagem é seu sentimento de ódio. Na marginalidade, Sem-Pernas revela como os sentimentos de abandono e discriminação são cruéis com as crianças, determinando sua maneira de ser e estar no mundo.

Tendo em vista as análises produzidas, é nítido o contraste entre as vivências dos personagens selecionados. Pedro Bala se vê diante de um possível futuro, à imagem de seu pai, e se sente angustiado. A angústia o leva a lugares pouco conhecidos dentro de si, como a tristeza, mas, de certo modo, o prepara para as mudanças, para o amadurecimento. Sem-Pernas também vivencia novas experiências emocionais, mas os traumas do passado, as marcas emocionais e sociais de ser um Capitão da Areia o levam a trair a pessoa que o acolheu. Nesse sentido, Sem-Pernas parece compreender que o mundo, a sociedade que o cerca, é a causa de sua condição de vida, e é ao mundo que ele direciona sua emoção.

Dessa forma, através de seu conflito, Pedro Bala cresce, se desenvolve, muda. Mas Sem-Pernas permanece no mesmo lugar psicológico, afastado emocionalmente das pessoas e tomado pelo sentimento que marca sua história de vida, que resume a forma como o mundo sempre o tratou: o ódio.

4 Considerações finais

De acordo com o objetivo deste artigo, entende-se que foi possível analisar, sob uma ótica psicológica, os personagens criados por Jorge Amado. À luz da Teoria Histórico-Cultural, pôde-se encontrar, no romance analisado, pontos de discussão social e cientificamente relevantes, como o racismo, a desigualdade social, o abandono de crianças e adolescentes e o papel das emoções no desenvolvimento humano. Portanto, através de um diálogo interdisciplinar entre Literatura e Psicologia, novas reflexões foram produzidas.

Referências

ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares; SCAPIN, Ana Vilma Kaufmann Schafer. **Capitães da Areia: a literatura como denúncia social**. XVII Mostra de Iniciação Científica. UNICRUZ, 2014.

AMADO, Jorge. Capitães da areia, romance. **Os romances da Baía, 6**, 1937.

AMADO, Roberto. **Jorge Amado e o romance de 1930: protagonismo de uma nova voz emergente (1931-1934)**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2021.

FREIRE, José Célio. Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como como experiência. **Arquivos brasileiros de Psicologia**, v. 60, n. 2, p. 2-9, 2008.

MACHADO, Letícia Vier; FACCI, Marilda Gonçalves Dias; BARROCO, Sonia Mari Shima. Teoria das emoções em Vigotski. **Psicologia em Estudo**, v. 16, p. 647-657, 2011.

SANTOS, Rosemary Conceição dos; SANTOS, João Camilo dos; SILVA, José Aparecido da. Psicologia da literatura e psicologia na literatura. **Trends in Psychology**, v. 26, p. 767-794, 2018.

SELTZER, Ilana Goldstein. Uma leitura antropológica de Jorge Amado: Dinâmicas e representações da identidade nacional. **Diálogos latinoamericanos**, n. 5, p. 109-133, 2002.

TOASSA, Gisele. Vigotski: notas para uma psicologia geral e concreta das emoções/afetos. **Cadernos Espinosanos**, n. 30, 2014.

TOASSA, Gisele. Vigotski contra James-Lange: crítica para uma teoria histórico-cultural das emoções. **Psicologia USP**, v. 23, p. 91-110, 2012.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. **Psicologia USP**, v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010.